

A crise final do governo Getúlio Vargas sob o olhar de Assis Chateaubriand: uma análise das edições de agosto e setembro de 1954 da revista *O Cruzeiro*.

Bibiana Soldera Dias,
Mestranda da UFRGS, bolsista do CNPq

Resumo: Esse trabalho versa sobre a divulgação da última crise do governo de Getúlio Vargas na revista *O Cruzeiro*, de propriedade de Assis Chateaubriand. Para fazer uma análise das posições da revista sobre a crise de agosto de 1954 é preciso, primeiramente, perceber as circunstâncias do relacionamento entre os dois. Naquele ano de 1954, Chatô estava posicionado ao lado do jornalista Carlos Lacerda, principal adversário político de Vargas. Portanto a posição editorial da revista nesse momento favorece a oposição ao governo. A importância dada à imprensa como produtora de discursos carregados de significados que ajudam a construir o imaginário social são ferramentas imprescindíveis, pois se sabe que o ato suicida praticado por Vargas gerou, e ainda gera, uma variada carga de representações simbólicas que variam conforme o grupo que a simboliza.

Palavras-chave: *O Cruzeiro* - Getúlio Vargas - Imprensa.

Esse artigo é parte de um estudo maior, sendo que uma parte já está finalizada no meu Trabalho de Conclusão de Curso, e a sua continuação está em fase inicial de pesquisa no curso de Mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objetivo geral é fazer uma análise da cobertura de *O Cruzeiro* sobre a crise de agosto de 1954 no governo Vargas, apresentando sucintamente alguns elementos já pesquisados no TCC. Essa análise não se baseia somente numa interpretação das reportagens apresentadas pela revista. É preciso entender também que interesses estavam por trás de suas páginas, que intenções tinham os representantes dessa instituição no noticiar determinado episódio. Para entender a linha editorial da revista é preciso voltar-se a um universo mais abrangente: o universo de jogos de poder que movia, e ainda move a imprensa.

Segundo Roger Chartier são determinados interesses de grupos que forjam a as representações do mundo social, daí advém “o necessário relacionamento dos discursos

proferidos com a posição de quem os utiliza”.¹ Os discursos jamais são neutros, impõem uma autoridade, legitimam projetos e justificam as escolhas e condutas dos indivíduos através das lutas de representações.

Além das páginas de *O Cruzeiro*

Antes, porém, de analisar as edições de agosto e setembro de 1954 é preciso ir além daquelas páginas. Uma análise desse universo maior, anteriormente mencionado, começa com um estudo da personalidade do dono dos *Diários e Emissoras Associadas*, onde a revista *O Cruzeiro* era a maior representante. As aproximações e os afastamentos entre Assis Chateaubriand e o ator maior da crise aqui estudada: Getúlio Vargas.

A obra de Chateaubriand consolida-se nos *Diários e Emissoras Associadas* que nos moldes da *Hearst Corporation*² é fruto de uma era em que se praticava o *jornalismo do editor*. Isso quer dizer que a voz do chefe é o imperativo, os veículos de comunicação são extensão dos interesses, das idéias, ideologias e desejos de seus donos³. O que culminou em uma forma pessoal de fazer jornalismo e política.

Foi durante a primeira metade do século passado que os *Diários e Associados* passaram a exercer seu domínio sobre a imprensa e inevitavelmente sobre a política do país. Anticomunista e germanófilo, Chateaubriand foi presença constante na política brasileira, desde a Primeira República até o Regime Militar. Em 2 de outubro de 1924, Chato lançou o primeiro jornal de sua tão sonhada rede. Foi nessa época de muitos contatos que Chateaubriand conheceu, através do deputado federal do Rio Grande do Sul, Lindolfo Collor, uma figura marcante em sua vida: Dr. Getúlio Dornelles Vargas. Chatô falou-lhe da idéia de criar uma cadeia nacional de informação. Getúlio muito se interessou pelo projeto do jornalista e afirmou que realmente o país precisava de instituições que lhe dessem unidade. “A cadeia de jornais que tu projetas pode ser um embrião da unidade nacional por que eu tanto luto”⁴, teria dito Getúlio a Chatô. Com intuítos diferentes, mas, em alguns momentos, utilizando-se dos mesmos meios para atingirem seus objetivos, Chatô visando o lucro e

¹ CHARTIER, Roger. *A histórica cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 17.

² Denominação tardia do conglomerado de comunicação constituído por William Randolph Hearst a partir de 1887, na Califórnia, Estados Unidos.

³ WAINBERG, Jacques Alkalai. *Império das palavras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 14.

⁴ MORAIS, Fernando. *Chatô: rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 145.

Getúlio a popularidade, apostam juntos na empreitada do lançamento da revista *Cruzeiro*, em 1928.

É importante salientar sobre a prudência que se deve ter ao tratar de uma fonte tão peculiar quanto a aqui escolhida, pois a condição da revista, como impresso que abarca uma vasta gama de conteúdos, o que justifica o termo de “revista de variedades”, exige delicado cuidado para a análise⁵. A escolha da revista *O Cruzeiro* deu-se pelo fato desse veículo de comunicação ser muito influente na sociedade brasileira:

A publicação liderava as preferências de todas as faixas de renda e idade, de acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística — IBOPE, embora fosse maior a porcentagem de leitores entre os segmentos mais abastados e instruídos.⁶

A crise política de agosto de 1954

Na última crise vivida pelo governo Vargas, Chatô não mais estava ao lado do presidente. Ele estava lutando a favor de seus interesses e de suas empresas, o que sempre fez com ferocidade e frequência. Getúlio Vargas não mais era o revolucionário, nem o ditador, era agora o democrata que sem o apoio das Forças Armadas vivia sob feroz oposição, especialmente de Carlos Lacerda.

Chatô alia-se a Lacerda numa campanha contra o jornal getulista “Última Hora”, de propriedade do seu antigo funcionário Samuel Wainer que tinha posições claras a favor do governo Vargas e por isso ganhava benefícios financeiros e apoio político. Foi nesse universo paralelo, onde as vaidades ferviam e tomavam forma, que o jornalista Carlos Lacerda foi alvo de um atentado que culminou com a morte do Major aviador Rubens Florentino Vaz e o seqüente suicídio do Presidente Vargas. Uma revolta tomou conta do país. Os getulistas ficaram contra as Forças Armadas que instauraram um Inquérito Policial-Militar para apurar as investigações do crime da rua Toneleros.

⁵ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 121.

⁶ ANDRADE, Maíra Zimmermann de. *Transformação Social pela Cozinha: Consumo das mulheres no Brasil do Desenvolvimentismo*. 2004. 82 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 33.

A imprensa ficou confusa. A revista *O Cruzeiro* assistiu amplamente a crise, dando maior ênfase ao atentado que tirou a vida do Major Vaz que ao suicídio do Presidente. Postura condizente com as posições políticas do dono do hebdomadário naquela época.

Trabalhar com o acontecimento do suicídio do presidente Getúlio Vargas suscita algumas questões: explicar que a morte, nesse caso,

não foi senão um elemento de um conjunto maior, de uma conjuntura política de crise que se iniciou com a posse de Vargas em 1951, mas que estava referenciada principalmente ao período do Estado Novo, e cujo desfecho em 1954 teve desdobramentos que iriam atravessar todo o final da década de 50 e chegar até 1964.⁷

Em outubro daquele mesmo ano de 1954 Chatô assume a cadeira número 37 na Academia Brasileira de Letras (ABL), que pertencera a Getúlio Vargas. No seu discurso de posse intitulado “Aquarela do Brasil” traçou um retrato da personalidade do ex-presidente onde salientava a sua esperteza, inteligência e percepção, mas, ao mesmo tempo, caracterizava-o como portador de uma vocação autoritária incompatível com os regimes constitucionais:

Está morto o último companheiro revolucionário, Getúlio Vargas. O pecado original do conspirador Gonzaga foi resgatado. Pela primeira vez, na história do mundo planetário, se elimina esse gênero de pecado. O mal cria o bem, digamos, em termos goethianos. Desse bem, recuperado, sou o primeiro beneficiário. Aquele que cai morto pelas próprias mãos, em virtude de um ideal, propicia, com seu sofrimento, uma integração nossa, num plano superior de espiritualização.

Aqui vim apenas por bosquejar o perfil de Vargas, esperando que outros tomem o tosco retrato de hoje, como ponto de partida, para escrever os livros definitivos que, à luz de melhores observações e de outros ensinamentos, lhe deverão ser consagrados.⁸

⁷ ABREU, Alzira Alves; WELTMAN-LATTMAN, Fernando. Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 24.

⁸ Discurso de posse de Assis Chateaubriand na Academia Brasileira de Letras. Disponível em <<http://www.academia.org.br/imortais/cads/37/chateaubriand3.htm>> Acesso em 12/11/05.

A crise final do governo de Getúlio Vargas — o atentado na rua Toneleros, a República do Galeão e o suicídio do Presidente — foi divulgada pela equipe da revista *O Cruzeiro* que normalmente seguia um modelo de edição:

Cada exemplar de *O Cruzeiro* era aberto com um espaço dedicado a um grande nome literário, fosse Humberto de Campos, Jorge Amado, Erico Veríssimo, Manuel Bandeira ou Graciliano Ramos, entre muitos outros. Imediatamente depois – em geral, na terceira página – vinha a coluna ‘Sete dias’, de Franklin de Oliveira, em que ele fazia um resumo dos acontecimentos da semana, com muita inteligência e humor. Ainda nesse bloco havia também a maior reportagem da edição, sempre com assunto e grande interesse, quase sempre escrita por David Nasser e com fotografias e Jean Manzon. *O Cruzeiro* tinha também cerca de 50 por cento de seu espaço dedicado ao humor.⁹

Análise das edições da revista *O Cruzeiro*

As duas primeiras edições do mês de agosto daquele ano de 1954 ainda não aludem ao atentado da rua Toneleros, ocorrido no dia cinco daquele mês. A publicação do dia 21 de agosto é onde se inicia a série de reportagens e artigos sobre a crise do governo Vargas.

Essa edição (21-08-1954. Ano XXVI. Número 45) tem uma tiragem de 540.000 exemplares. A primeira reportagem é: “A emboscada dos ‘Anjos’”, um texto de Ubiratan de Lemos. Uma foto de página inteira abre a reportagem: foto da coroa de flores dada pelos colegas de turma, com os dizeres: “Que tua morte Vaz represente a aurora da decência e dignidade no Brasil”. Nas páginas seguintes há uma figura da reconstituição gráfica do crime ao lado da foto da rua em frente ao número 180 da rua Toneleros, local onde havia ocorrido o atentado.

Na seção “Política”, uma reportagem sem autoria: “O Governo sacudido pelo atentado — Aeronáutica em pé de Guerra”. Um texto denso com informações importantes onde se vê, de certa forma, a opinião editorial da revista (na configuração original da revista *O Cruzeiro*, não há um editorial fixo, por isso as posições políticas do chefe e redatores estão postas nas reportagens, mas mais especificamente nas sessões fixas da revista, o que voltarei a falar mais adiante). O texto inicia com um tom forte: “Pela primeira vez na história política e militar do

⁹ NETTO, Accioly. *O Império de Papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998, p. 124.

Brasil que a Aeronáutica toma a iniciativa de um movimento de reação contra o poder supremo da República”. Segundo o texto, não haveria mais dúvidas de que o atentado teria sido obra de agentes do Palácio do Catete que queriam “silenciar a voz do jornalista Carlos Lacerda”. Pelo tom geral das matérias e pela própria configuração da revista é possível pensar que essa seção não esteja sem assinatura em vão. Provavelmente a mão do dono da revista, Assis Chateaubriand, está nesse artigo, já desde os primeiros parágrafos.

A morte do Presidente está presente a partir da edição de 4 de setembro (Ano XXVI. Número 47). Com uma tiragem de 700.000 exemplares, a reportagem de abertura desta edição é de Arlindo Silva e contém inúmeras fotos. A reportagem “A morte de Vargas — com um tiro no coração, o Presidente encerrou sua agitada vida de homem público” é aberta com uma foto de Getúlio Vargas morto. Uma faixa estava enrolada na cabeça do Presidente, para que sua boca permanecesse fechada. Acima da foto, uma curta explicação: “Vargas transpõe o limiar da eternidade” na qual o autor fala sobre a reunião ministerial ocorrida antes do suicídio do Presidente e do subsequente licenciamento de Vargas da presidência da República, que não renunciou a presidência e sim à vida.

A decisão do suicídio, pelo que consta na biografia de Vargas, não foi uma atitude repentina e inconsequente. Ele sempre foi fascinado pela idéia da morte e achava que através dela os seus problemas sociais e políticos poderiam ser resolvidos.¹⁰ Em uma passagem dos seus “Diários” Vargas faz menção a honra que uma morte digna (segundo seu ponto de vista) pode suscitar: “Fui ao Cemitério de São João Batista, em homenagem ao terceiro aniversário da morte de João Pessoa - o grande sacrificado. Raras vezes um homem pode morrer tão dignamente. Chega a despertar inveja”¹¹.

Com tanta pressão que Vargas estava sofrendo o suicídio pode ter sido a melhor maneira encontrada por ele para ter deixado o poder. Caso não tivesse se suicidado poderia ter sido deposto novamente e seu prestígio seria seriamente abalado. Como ele previu em uma entrevista à *Folha da Noite*, de São Paulo em julho de 1950, pouco antes de iniciar sua campanha a presidência:

Conheço o meu povo e tenho confiança nele. Tenho plena certeza de que serei eleito, mas também sei que pela segunda vez não chegarei ao fim do meu governo. Terei de lutar. Até onde resistirei? Se não me matarem, até

¹⁰ CONY, Carlos Heitor. *Quem matou Vargas*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1ª edição, 1974, p. 109.

¹¹ VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário*. São Paulo: Siciliano, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995, vol. 1, p. 228.

que ponto meus nervos poderão agüentar? Uma coisa lhe digo: não poderei tolerar humilhações.¹²

Na seção “Política” um artigo novamente sem autoria, intitulado: “A oposição não matou Getúlio”. Esse artigo sustenta a opinião de que quem matou o Sr. Getúlio Vargas:

No fundo, o que matou o Presidente foi o desespero por constatar que a campanha oposicionista se baseava em fatos em cuja autenticidade inicialmente não acreditou. O traumatismo moral, o abalo que sofreu naquela sucessão de dias, com revelações que iam se agravando de hora a hora terá sido certamente a causa fundamental do gesto suicida.

Obviamente a reação popular acusava a oposição pela morte de Vargas. Porém, segundo o artigo, os responsáveis eram seus inimigos íntimos. Teria dito Getúlio a Capanema: “Carlos Lacerda era meu maior inimigo. Hoje o meu maior inimigo é o homem que mandou fazer o atentado da rua Toneleros. O jornalista me combatia de frente. O outro me apunhalou pelas costas” (citação do artigo supramencionado).

Em: “O Último Caudilho”, Theophilo Andrade faz uma reconstituição do perfil político de Getúlio. O suicídio é aqui apresentado como uma característica da personalidade trágica de Vargas. Era um homem crente no destino, a idéia da morte sempre o acompanhou: “Os estóicos eram de opinião que a vida somente em determinadas circunstancias merece ser vivida. Quando aquelas circunstâncias desaparecem, pode e deve ser autodestruída. Getúlio Vargas suicidou-se”. Ele se foi, mas deixou “um instrumento explosivo, de ação contínua”: sua carta-testamento.

Ubiratan de Lemos escreve a próxima reportagem dessa edição: “Os vermelhos comandam a desordem”. Uma reportagem bastante interessante do ponto de vista da análise histórica. O repórter começa falando do justo movimento de revolta da população perante a notícia da morte de Vargas. Mas o movimento que a princípio era natural foi tomando forma de protesto, ameaças e acusações contra, principalmente, os opositores de Vargas e a embaixada dos Estados Unidos.

Finalizando essa edição, na seção “Última Hora”, Rachel de Queiroz escreve um artigo chamado: “A Hora Dramática”. A autora expressa suas opiniões sobre o atentado da rua

¹² RIBEIRO, José Augusto. **A era Vargas**. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2ª edição, 2001, vol. 2, p.60.

Toneleros, cita que poucos homens quando caem mortos provocam o abalo e a indignação que provocou na nação a morte do Aviador Rubens Vaz. Este crime, segundo ela, não foi um crime comum praticado corriqueiramente contra jornalistas. “Este crime foi, acima de tudo, um apavorante sintoma do estado de degradação a que desceu este pobre país”.

A edição seguinte é de 11 de setembro de 1954 (Ano XXVI. Número 48), teve uma tiragem de 700.000 exemplares. Nos registros da revista *O Cruzeiro*: “Cidade Conflagrada”, “Explorando a Morte de Vargas” e “Pânico nas Ruas”, os autores Lycurgo Cardoso, Ubiratan de Lemos e Margarida Izar, respectivamente, abordam temas sobre as manifestações populares pela morte de Vargas. “Cidade Conflagrada” relata acontecimentos ocorridos em Porto Alegre após a notícia do suicídio do Presidente. Oradores inflamados inspirados no texto da carta-testamento instigavam o povo à depredação das sedes dos partidos oposicionistas e jornais anti-getulistas. Pelo relato do autor, os comunistas aproveitaram-se da situação e insuflaram o povo à baderna. O repórter cita que os vândalos incendiaram completamente o “Diário de Notícias”, o órgão dos Diários e Emissoras *Associadas*, em Porto Alegre.

Os jornais citados no trabalho organizado por Ângela de Castro Gomes¹³ e a revista analisada nesse trabalho, referem-se às revoltas dos populares com um tom pejorativo, porém:

Antes de taxar essas declarações como o natural resultado da ‘domesticação’ dos trabalhadores, seria prudente entendê-las como fruto do reconhecimento dos ganhos materiais e simbólicos que tiveram com Vargas e do ‘tratamento humano decente’, na definição de Barrington Moore Jr. (1987), que experimentaram ao longo dos anos.¹⁴

É, pois, sob esse ângulo de análise que vejo essas ações populares: como simples reconhecimento dos ganhos, simbólicos e materiais, que a população teve com o governo de Getúlio Vargas, em especial os trabalhadores.

É importante perceber o grande número de fotos e a pouca quantidade de textos nessas reportagens. Segundo o texto “Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954”¹⁵, no exame dos jornais entre os dias 24 e 25 de agosto a forma de divulgar a notícia do suicídio são distintas: os jornais populares trouxeram enormes manchetes e grande número de

¹³ GOMES, A. C. (Org.). *Op. Cit.*

¹⁴ FERREIRA, Jorge Luis. O Carnaval da Tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto. In: Idem, *ibidem*, p. 71.

¹⁵ ABREU, A. A.; WELTMAN-LATTMAN, F. *Op. Cit.* In: Idem.

fotografias, mostrando a emoção do povo e atitudes de protesto contra os opositores de Vargas. “Há pouquíssimo texto, a imagem fotográfica é usada como recurso para transmitir o sentimento da população”¹⁶. Nos jornais voltados para as camadas médias não há preocupação com o despertar da emotividade. “Os textos procuram relatar os acontecimentos que levaram àquele desfecho com análises e opiniões sobre a conjuntura política”¹⁷. Na revista *O Cruzeiro* são verificados os dois tipos de abordagem: tanto a emocional, com a utilização das inúmeras fotos, como no caso dessa reportagem analisada; bem como outras que dão ênfase a uma abordagem sobre a conjuntura política, como é verificado na seção de “Política” da revista. É possível, portanto, perceber que o grande número de fotos nessas reportagens é um artifício usado pela revista para atingir ou as camadas menos letradas da população, ou despertar a emoção naquelas camadas mais cultas e instruídas.

A seção de “Política” desta edição fala sobre a União Democrática Nacional¹⁸ (UDN), Parlamentarismo, sobre o governo do Senhor Café Filho e os rumos da política no país após o suicídio de Vargas. Cabe aqui destacar apenas um dos subtítulos nos quais a seção é dividida: “Café antípoda de Getúlio Vargas”.

Conforme Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman na pesquisa feita por eles nos jornais

Diante da perplexidade que tomou conta de todos os jornais, houve a tentativa, por parte de alguns, de minimizar o acontecimento, dando destaque não ao suicídio mas à posse de Café Filho, como se este outro evento significasse um alívio, representasse enfim a solução da crise que estava polarizada na pessoa de Vargas. A posse do vice-presidente garantiria o restabelecimento da ordem e da paz.¹⁹

Na seção “Última Página” desta edição, Rachel de Queiroz deixa novamente clara a sua oposição a Getúlio Vargas. Ela cita que o tumulto dos últimos dias, suscitado pelo “ato de desespero do Presidente”, estaria se acalmando, seguindo seu ciclo natural. Segundo ela, Getúlio Vargas era não somente o Presidente do país, mas “a encarnação mesma de uma

¹⁶ ABREU, A. A.; WELTMAN-LATTMAN, F. Op Cit. In: GOMES, A. C. (Org.).Op. Cit, p. 40.

¹⁷ Idem, ibidem

¹⁸ “A União Democrática Nacional foi fundada no dia 7 de abril de 1945, reunindo diversas correntes que nos anos anteriores haviam-se colocado em oposição à ditadura do Estado Novo.” Disponível no site do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, acesso em 07/03/06.

¹⁹ ABREU, A. A.; WELTMAN-LATTMAN, F. Op Cit. In: GOMES, A. C. (Org.).Op. Cit, p. p. 39.

corrente política, ele próprio o partido”, o PTB. Ela almeja o fim dessa era de inquietações, “democracia inquieta”, “corrupção política”.

Ela termina o texto dando vivas ao Sr. Café Filho e desejando-lhe uma ótima gestão que, segundo ela, já se iniciara muito bem: “Confiemos em que ele tenha forças, resistência, coragem, para levar adiante o seu terrível encargo e conduzir a bom porto este salvado naufrágio que é o Brasil”.

A próxima edição da revista *O Cruzeiro* é de 18 de setembro de 1954. (Ano XXVI. Número 49), também com uma tiragem de 700.00 exemplares. A seção “Sete dias”, escrita por Franklin de Oliveira, leva o título de “Os insultos às Forças Armadas”. O curto artigo versa sobre algumas manifestações feitas por parlamentares insultando as Forças Armadas em plena Tribuna da Câmara dos Deputados. Para Franklin de Oliveira é aceitável a reação do povo e dos petebistas diante da morte de Vargas, mas, segundo ele, “o delírio passional, aceitável no homem simples, não pode, todavia, ser aceito quando parte de parlamentares, nos quais há de supor existir um lastro mínimo de dignidade pessoal”.

Ubiratan de Lemos escreve a próxima reportagem: “O Povo rezou pelo Presidente”, um texto curto com várias fotos ilustrando a reportagem. Não existiu missa de sétimo dia em homenagem a Getúlio Vargas “porque a Igreja, não recomenda o corpo de suicidas, nem lhes dá sepultura eclesiástica”. Mas o povo, ainda triste com aqueles acontecimentos, uniu-se na rua, em torno da Igreja da Cinelândia, para juntos rezarem pelo Presidente. O repórter sublinha que alguns “agitadores comunistas” tentavam insuflar o povo contra as Forças Armadas, mas tudo correu em absoluta tranquilidade.

Progredindo na leitura das seguintes reportagens, na seção “Política” desta semana (18 de setembro de 1954, ano XXVI. Número 49), os assuntos correntes são as eleições de 1955, o governo do Presidente Café Filho e o apoio das Forças Armadas ao novo Governo. Fechando essa edição, na seção “Última Página”, Rachel de Queiroz escreve um belo texto, um artigo, onde, novamente, apresenta suas opiniões políticas.

A análise desse artigo, particularmente interessante e de uma riqueza literária imensa, intitulado “Do povo, para o povo, pelo povo...” começa, necessariamente pela percepção da intenção da autora com esse título. O intuito de Rachel de Queiroz é, possivelmente, questionar o futuro da democracia no país após a morte de Vargas que já tinha exercido suas funções como Ditador e democrata. Mas que democracia era essa onde o povo tinha poucos ou quase nulos direitos representativos?

E como é fraca e impotente a vontade de cada um, e como, em verdade, nós governamos pouco, inclusive nos países que orgulhosamente se intitulam de democráticos...Se fossemos gritar na rua seríamos presos, se fossemos pegar em armas seríamos mortos...O reflexo das nossas decisões é tão longínquo, o seu eco é tão fraco, chega com tal atraso que aquilo que decidimos hoje, talvez chegue a valer daqui a alguns anos...se valer, realmente.

A autora utiliza-se do exemplo do rádio para ilustrar a incerteza que dominou o povo naquele momento de insegurança para o brasileiro. O rádio é utilizado pela autora, pois era o principal meio de comunicação daquela época, servia como um “cordão umbilical” que ligava o povo aos acontecimentos do mundo. Num certo período da história do Brasil, quando a censura imperava, o rádio tornou-se, segundo o texto, sinônimo de angústia e sofrimento da população, pois ao invés de distrair-se, o povo vivia iludido pelas informações: “os rádios se calam, e parece que no seu silêncio há também uma parte da nossa angústia”.

Na edição de 25 de setembro de 1954 (Ano XXVI. Número 50), com uma tiragem igual às anteriores, vê-se uma diminuição bastante significativa no número de reportagens e artigos referentes ao assunto da crise do governo Vargas. Apenas uma reconstrução biográfica de Getúlio Vargas, baseada em fotos, dividida em duas edições que não apresenta novos elementos que possam enriquecer essa análise.

Sintomático ou não, durante a crise de agosto de 1954, a revista segue com seus artigos e grandes reportagens normalmente. Porém, por não haver uma seção editorial pura, são nas seções fixas da revista onde se vê uma posição editorial mais consistente. Na seção “Política” são apresentados fatos importantes da crise, a opinião de Chatô estava provavelmente por trás (conforme foi possível perceber na leitura das revistas e pela oposição política de Chato ao governo Getúlio Vargas), onde exaltavam a Aeronáutica e as diligências que os militares estavam fazendo. Na seção “Última Página” Rachel de Queiroz escrevia textos inflamados contra o Presidente que iam ao encontro da opinião de seu chefe.

Referências

ANDRADE, Maíra Zimmermann de. *Transformação Social pela Cozinha: Consumo das mulheres no Brasil do Desenvolvimentismo*. 2004. 82 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CHARTIER, Roger. *A histórica cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CONY, Carlos Heitor. *Quem matou Vargas*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1ª edição, 1974.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

JEANNENEY, Jean-Noël. A Mídia. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Tradução Dora Rocha. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MORAIS, Fernando. *Chatô: rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NETTO, Accioly. *O Império de Papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

RIBEIRO, José Augusto. *A era Vargas*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2ª edição, 2001, vol. 2.

VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário*. São Paulo: Siciliano, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995, vol 1.

WAINBERG, Jacques Alkalai. *Império das palavras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

Informações disponíveis em <http://www.academia.org.br/imortais/cads/37/chateaubriand3.htm> Acesso em 12/11/05.

Informações disponíveis em <http://www.cpdoc.fgv.br> Acesso em 07/03/06.